

*Douglas e o Livro de Luz:
As Imagens e a Busca pela
Interdisciplinaridade*

Antônio Jackson **DE SOUZA BRANDÃO**

Prof. Dr. Antônio Jackson de Souza Brandão é escritor, poeta, mestre e doutor em Literatura alemã pela Universidade de São Paulo (USP), além de docente no mestrado da Universidade de Santo Amaro (UNISA/SP).

Sebastião **JACINTO DOS SANTOS**

Prof. Sebastião Jacinto dos Santos é especialista em Educação pela UFRN e mestrando em Ciências Humanas pela Universidade de Santo Amaro (UNISA/SP).

Resumo

A partir da leitura do romance **Douglas e o Livro de Luz**, de Jack Brandão cotejado com teóricos da interdisciplinaridade, o presente artigo abordará a importância de o docente não limitar seu campo de atuação a sua disciplina, mas de buscar a cooperação entre as demais disciplinas, já que a visão do mundo e da realidade não se faz de maneira compartimentada. Para que isso seja possível, a imagem torna-se uma forma efetiva de acessibilidade interdisciplinar, já que leva e pressupõe questionamentos que vão além dela e que se abrem ao entendimento plural do mundo que nos cerca.

Palavras-chave: interdisciplinaridade, literatura, formação docente, educação, *Douglas e o Livro de Luz*, imagem.

Abstract

From the reading of the Jack Brandão's novel **Douglas e o Livro de Luz**, collated with theoretical interdisciplinarity, this article will address the importance of the teacher does not limit its field to his discipline, but to seek the cooperation of the other disciplines, since the view of the world and reality is not done in a compartmentalized way. For this to be possible, the image becomes an effective way of interdisciplinary accessibility, as it takes and assumes questions that go beyond and that open the plural understanding of the world around us.

Keywords: interdisciplinarity, literature, teacher education, education, *Douglas e o Livro de Luz*, image.

Introdução

Quando trabalhamos com uma obra literária em aulas que não sejam de Língua Portuguesa, criamos a possibilidade de que nossos alunos não só viagem a um mundo imaginário, como também que acabem enxergando certos aspectos da realidade com outros olhos. Dessa maneira, no momento em que haja o envolvimento entre leitor e obra literária, essa viagem ganha características particulares, criando semelhanças que os levam a identificar seu mundo presente na descrição do autor, algo como uma espécie de simbiose entre o leitor-narrador.

Segundo Wolfgang Iser (1999, p. 85), esse processo leva, inclusive, o leitor a tornar-se sujeito dos pensamentos do narrador, desaparecendo, a cisão entre sujeito e objeto, tão importante para o conhecimento e a percepção geral.

Na obra **Douglas e o Livro de Luz** (2013), encontramos muitos argumentos que auxiliam o discurso interpretativo respaldado pelo ambiente do professor e do aluno. É uma obra literária cheia de encontros sobre os acontecimentos históricos que nos fazem ver a realidade de maneira singular, pois mais que narrar uma “história trivial”, verifica-se o constante questionamento daquilo que se conhece ou se cria conhecer. Vê-se, por conseguinte, como a relação entre o professor e o aluno pode tornar-se mais rica; quando este, apesar das

inúmeras dificuldades, consegue aproximar-se do mundo daquele ao levá-lo sempre ao questionamento de seu próprio *status quo*, mas para isso precisa libertar-se do **engessamento** da mera especialidade disciplinar.

Dessa maneira, o romance nos traz algumas considerações sobre a questão interdisciplinar e sua prática, já que mais do que especular sobre a realidade, demonstra que esta é a reunião de várias facetas não excludentes, mas interdependentes, cujo elemento amalgamador seria a imagem.

Aspectos do romance *Douglas e o Livro de Luz*

Obra literária, composta por 35 capítulos e epílogo, gira em torno de Douglas Hackmann, aluno que acaba despertando para o sentido de sua própria história, a partir das pesquisas propostas por seus professores em sala de aula.

O protagonista acaba tornando-se peça-chave para a descoberta do **Livro de Luz** que propiciaria a seu detentor todo o conhecimento adquirido pelo homem ao longo de sua existência – desde o domínio do *lógos* escrito, cujo *start* foram as imagens, que a humanidade foi construindo ao longo dos séculos, até o futuro – pelo menos em relação ao tempo diegético da narrativa –; mas, para que isso seja possível, conta com a ajuda e apoio de seus amigos, Maíra e Luciano, além do professor Lincoln.

Há, além do protagonista e dos deuteragonistas uma rede de antagonistas: Henrique Bianchi, péssimo aluno, repete, procura cooptar todos para seguir seu exemplo; Júlio, desafeto do pai de Douglas em sua infância, e sua filha Júlia; o advogado e professor da universidade, doutor W., comparsa de Júlio para perseguir e destruir os planos de Douglas; além de Êdima, religioso poderoso que adquiriu bens usando a fé dos ignorantes e que, de certa forma, financia a rede. Sem contar com os **comparsas**: Xênia, professora de biologia cativante e inteligente; Rosaura, professora de literatura, ensina que as palavras não podem ser interpretadas superficialmente por se constituírem em enigmas; Pierre, professor de educação física; Nálssio, professor de Física; Niklos, diretor da escola Max Mundi e o delegado Michael.

Como todo **herói**, Douglas também é auxiliado em seu intento por uma **figura tutelar** (ou **guardião**) espécie de alterego, Godofredo, que, conforme Jung (2008, p. 144), são “representações simbólicas da psique total, entidade maior e mais ampla que supre o ego da força que lhe falta”.

Nos seis primeiros capítulos, o enredo gira em torno da relação dos alunos com professores em sala de aula, a realização de pesquisas na biblioteca da comunidade e conversas entre os colegas sobre os vários campos do conhecimento. No primeiro, por exemplo, o professor de história relaciona sua disciplina com a fotografia e pede uma redação aos alunos sobre suas famílias a partir dessa relação.

Assim, a partir dessa atividade, reacende, em Douglas, seu interesse em conhecer aspectos da vida de seus pais que já estavam mortos há muitos anos, mesmo que a consequência para isso fosse a dor e a tristeza:

Na hora do jantar, Douglas foi interpelado pela avó que queria saber como havia sido seu primeiro dia de aula no colégio novo. O garoto demonstrou grande entusiasmo, falando a respeito do álbum de fotografias, do interesse do professor pela matéria, do avental azul, dos colegas, do tamanho do colégio... A avó via a alegria estampada no rosto do neto. De repente, o menino se cala e fica olhando para o prato. Então, começa a brincar com o macarrão parafuso e com os legumes ali presentes. Não só seu olhar estava distante, como também seus pensamentos. Dona Rosa interrompe o devaneio do neto:

— Que houve com o garoto que chegou todo alegre, saltitante e agora fica cabisbaixo e triste? Você está pensando em quê?

— Nada vó...

— Como nada? Você não me engana Douglas... Alguém judiou de você no colégio?

— Não, vó... é que... – relutava em dizer o motivo que o entristecera de repente, mas diante da insistência da avó, continua –... estava pensando em meus pais... Não queria que a senhora ficasse triste... (BRANDÃO, 2013, p. 16-17)

No capítulo 2, a professora de biologia, a partir dos seguintes questionamentos ontológicos: “De onde o homem veio? O que ele faz aqui? Como surgiu tudo o que há na terra?” (*ibidem*, p. 27), solicita uma pesquisa a seus alunos. Essa acaba sendo o *start* que apontarão a questões interdisciplinares, levando os alunos a transitarem por diversas áreas do conhecimento dos conhecimentos bíblicos às descobertas científicas.

A partir do capítulo 7, começa a se desenrolar o tema central do romance: Douglas questiona-se sobre os sonhos estranhos que tem tido. Ele sonha sempre com Godofredo que aparece na forma de vários animais. A saga começa, quando este revela ao protagonista a existência de um Livro, que lhe revelaria o motivo da morte de seus pais e o porquê dos sonhos estranhos que tem tido. Mas ao se deparar com aquele estranho objeto não esconde sua decepção:

— Mas pensei que ele fosse me dar as respostas que preciso... Você não disse que...?

*— Falei que parte das respostas você encontrará aqui... Chegue mais perto! Procure ler o que está escrito. (*ibidem*, p. 80)*

O garoto, preso como muita gente à ideia de que a imagem fala por si mesma e que não necessita de leitura e interpretação, sente-se logrado por Godofredo. O ato de **ler** é bem mais abrangente do que supunha, não se restringia apenas ao *lógos*, mas às várias imagens que o próprio Livro havia lhe revelado naquela floresta cercada de escuridão:

— Mas eu só vejo imagens...

— Quem disse que as imagens também não têm de ser lidas, meu caro?

— *Nunca ninguém me disse isso...*
— *Mas é vivendo que se aprende, meu caro! Venha, leia as imagens que você está vendo.*
— *Mas eu não estou entendendo nada do que está aqui...*
— *Você não disse que eram só imagens? Então, como está difícil ler? Elas não falam sozinhas, sem a necessidade de legendas?*
(BRANDÃO, 2013, p. 80)

A personagem Douglas segue na busca por este livro e a trama foca questões, em grande parte, filosóficas. No capítulo 13, ele conta a Maíra sobre seus sonhos, o Livro, Godofredo e o professor Lincoln. Ela acha a história excitante e perigosa, mas se compromete a ajudá-lo em sua busca.

No capítulo 17, na busca por descobrir o enigma do livro, ocorre um assassinato: o da professora Rosaura que ajudaria os garotos com a decifração das imagens fornecidas pelo livro. Na testa da professora, duas letras foram marcadas a estilete: “N” e “V”, nos pés do cadáver havia um bilhete que dizia: “Não busque mais do que o trivial, a verdade do livro não deve ser procurada, caso contrário todas as rosas irão desaparecer com o vento... *Non Veritas*” (ibidem, p. 251-252). Douglas logo percebe que o assassinato está relacionado ao Livro de Luz. Isso gera vários questionamentos sobre quem fez aquilo e porque, se a professora nem sabia das imagens do livro ainda.

No epílogo, a narrativa finaliza quando os meninos resolvem todo o enigma das imagens no parque e são transportados por um túnel para um outro lugar, onde encontram o Livro de Luz.

A importância da imagem no romance

No romance de Brandão (2013) são apresentadas duas instâncias: uma a de que a imagem ultrapassa o limite do suporte em que está inserida; a outra, de que ela perpetua-se e confunde-se em toda a trajetória humana. Desde o início da história da civilização, quando o homem sequer tinha desenvolvido uma linguagem escrita, a imagem já estava lá presente como forma de percepção da realidade.

O mapeamento das imagens pode ser apontado quanto a sua existência desde a experiência dos homens da caverna, quando estas eram fixadas nas paredes rochosas: os desenhos, os traços representando as caçadas, a descoberta do fogo, a percepção entre o quente e o frio, entre o inverno ou verão, a visão sobre a realidade do mundo; enfim, a manutenção diária pela sobrevivência.

Com os avanços científicos, o homem, numa tentativa assustadora, desenvolve a compreensão do mundo a partir de seu fazer linguístico, resumindo-a às imagens. Não obstante, para Brandão essas são antes de tudo textos e, como tal, acompanham todo o

processo de desenvolvimento da civilização humana. Não é à toa que Douglas “começa a ler as fotos com uma voracidade que até então nunca tivera” (BRANDÃO, 2013, p.18).

Certa vez, conversando com sua avó em casa depois do jantar, Douglas traz à tona os pormenores do ocorrido na escola em um determinado dia. Falou, de modo particular, das aulas do professor de história, do despertar para a realidade a partir das fotografias amareladas.

Mais tarde, divagava e conversava com um “esquilo” (*ibidem*, p. 19-22), quando se viu observando seus parentes desconhecidos, como seu pai (menino) e a avó desconhecida. No sono, sonha uma “fotografia real” de sua existência. As imagens recobrem-se de uma temporalidade que não lhes é inerente –, têm de se manter numa imobilidade eterna, em um **perpétuo presente** –, visto que ganham movimento; tornam-se, portanto, mentais:

— Hans... komm, schnell!

1 | [Hans... venha, rápido!]

Hans... agora que eu vi: aquele menino é meu pai! Mas como é possível? Por que ele não me vê? Será que entrei na fotografia ou a fotografia entrou em mim? Será que é esse o motivo de tudo estar preto e branco? Tento fechar os olhos, olhar para o sol; tento de vislumbrar as cores! Nada, nada, nada; até as flores daquelas floreiras são cinza... Estou sonhando... Como é bom sonhar! (ibidem, p. 21)

Que é real? Que existe de fato?

Sim, a realidade se transformava em ilusão, pois as imagens que ia construindo em sua mente se misturavam com aquelas que lia nos livros e com as que assistiam nos filmes na televisão (ibidem, p. 13).

Talvez seja por isso que o protagonista, em alguns momentos, punha-se a tentar entender o que seria a tal **realidade**, mas para que isso fosse possível, barrava-se na questão temporal:

Quantas vezes não se punha a imaginar outros mundos, outras línguas e pessoas, outras realidades. Outras realidades... Estas realmente eram outras, fugiam do senso comum, do factível, pelo menos para uma criança na idade em que estava. Não, o mundo não é só isso que vemos, deve haver algo mais por trás dele. Mas, que seria? Quem sabe, quando se tornasse adulto saberia melhor as coisas da vida e do mundo! Todos dizem que os adultos sabem das coisas, pelo menos ele ouvia sempre a mesma história: “Essa conversa é de adulto!”, “Você não pode ficar aqui..., quando você crescer...” No entanto, ele achava que poderia entender, por que não tentavam lhe falar? Preocupava-se com isso, mas sabia que um dia cresceria e poderia se sentar

à mesa com os outros, falar de igual para igual. Deveria apenas ter paciência, o tempo faria o resto... (BRANDÃO, 2013, p. 69)

Não há sequer um momento na história humana desprovido da ideia de imagem, cuja essência é, primordialmente, interdisciplinar. Isso porque, em seu processo de construção, de análise e de leitura, envolvem-se vários elementos não restritos a um tempo e espaço determinados, conforme o narrador do romance em questão demonstrará ao longo de seu texto e que farão parte integrante do acervo iconofotológico (BRANDÃO, 2010, p. 92) individual do protagonista:

Se não fossem as fotografias, a imagem de minha mãe já teria desaparecido totalmente de minha mente! Não adianta dizer o contrário, as imagens se esmaecem pouco a pouco, tornam-se borrões até desaparecerem para sempre... (BRANDÃO, 2013, p. 61)

Esse acervo, contudo, perpassa o individual e entra no coletivo e serve-se deste e de sua interferência para se efetivar, é por isso que o protagonista questiona-se se as imagens que possui em sua memória são deles ou foram construídas por aqueles que estão a seu lado:

Como ele ficava contente quando sonhava com seus pais! Mas esses sonhos só eram possíveis, porque a imagem que possuía deles era muito vívida e real em sua mente: aquelas velhas fotografias haviam lhe aberto as portas de que necessitava para sair à procura por respostas. Aquelas imagens e todo o mundo que as envolvia saíam de suas molduras como reflexos que saltavam do papel e o impulsionavam para aqueles instantes, puxando-o para momentos mágicos que se renovavam em sua lembrança. Sabia, porém, que muitos deles eram enxergados a partir dos olhos de sua avó, pois em muitas cenas que lhe saltavam aos olhos, nos mínimos detalhes, ele não passava de uma criança bem pequena: será que sou eu mesmo que estou me lembrando disso? (BRANDÃO, 2013, p. 169-170)

Como afirma Fazenda (2011, p. 11), “a primeira condição de efetivação da interdisciplinaridade é o desenvolvimento da acessibilidade”, ou seja, esse processo “pressupõe um treino na arte de entender e esperar, um desenvolvimento no sentido da criação e da imaginação” (FAZENDA, 2011, p. 11). Assim, a própria imagem torna-se uma forma efetiva de acessibilidade interdisciplinar, já que leva e pressupõe questionamentos que vão além dela.

O papel do professor na construção da interdisciplinaridade

Assim como na rotina da sala de aula, o professorado do aluno Douglas também apresenta várias facetas. Ao se lerem as entrelinhas do romance, deparamo-nos com um fato salutar

que, dificilmente, poderíamos distanciar do real: ficção e realidade se fundem num todo que se regenera mutuamente, em sua completude, na busca pelo dialógico:

O ensino interdisciplinar nasce da reposição de novos objetivos, de novos métodos, de uma nova pedagogia, cuja tônica primeira é a supressão do monólogo e a instauração de uma prática dialógica. (FAZENDA, 2007, p. 33)

A mesma autora adverte, porém, que para tal ideia se legitimar é importante que possamos romper com as “barreiras entre as disciplinas e entre as pessoas que pretendem desenvolvê-las.” (*ibidem*, p. 33)

Para realizar o trabalho interdisciplinar, faz-se necessário que o professor possa analisar os materiais de ensino, os livros didáticos, os livros de literatura infanto-juvenil e indicar trechos de apoio para planejar bem o trabalho interdisciplinar em sala de aula.

Nesse sentido, a obra **Douglas e o Livro de Luz** nos aponta caminhos que estão presentes nas questões cotidianas do professor brasileiro. Os inúmeros problemas ligados às barreiras históricas não se resumem a questões de geografia, por exemplo, mas a de outras áreas das ciências humanas tais como a filosofia, sociologia, história, cujos conceitos e definições têm se transformado, infelizmente, em conteúdo amorfo.

Se a escola é vista como um reduto para o convívio social, deve estender-se também ao mundo da criança e do jovem: seja por meio das antigas brincadeiras interativas e sociais, seja por meio das novas tecnologias virtuais que devem ser intercaladas à realidade da rotina cotidiana escolar.

Hábitos, valores e atitudes sociais, integrantes básicos da personalidade humana, devem ser ligados ao discurso da sala de aula. O professor, ao despejar uma massa disforme de conteúdos que apenas reproduz o conteúdo de um livro texto, limita o aluno, conduzindo-o a uma aprendizagem relativa, cujo resultado também será a construção de uma realidade distorcida do que se entende por **verdade**.

Assim, quando a professora Xênia explica a teoria do *Big Bang*, faz empregando elementos do mundo daqueles jovens:

Quando se sentou à mesa, tirou do bolso de seu avental uma bexiga azul e começou a assoprá-la, assoprá-la, assoprá-la, assoprá-la ... – o mais engraçado é que aquele balão era enorme, e ela tinha um fôlego gigantesco, pois nem ela se cansava, nem a bexiga estourava – assoprá-la, assoprá-la ... Todos começaram a fechar os olhos esperando o estouro. Mas, antes dele, ela parou. Ficou com aquele imenso balão diante de si. Tirou, cuidadosamente, a ponta da bexiga de sua boca e a amarrou. Saiu da mesa e deixou em seu lugar aquele monstro azul pronto a explodir. (BRANDÃO, 2013, p. 28)

Percebemos assim, em nossa prática educacional, que há muitas tentativas inovadoras que perpassam a formação do professor, embora na ação cotidiana a grande maioria ainda esteja submetida ao isolamento de suas práticas especialistas. Acreditamos ter domínio de nossa área, de seus conteúdos, de sua **evolução**, de seus vários acontecimentos; delimitamos, dessa maneira, tais saídas que se mantêm no isolamento, visto que tais experiências não são compartilhadas com os colegas de trabalho. Isso tornaria possível socializar as fronteiras nos temas dos elementos trabalhados no cotidiano do aluno.

Tal prática recebe severas críticas no campo das definições do que vem a ser a interdisciplinaridade que, ainda segundo Fazenda (2003, p. 60), deve pressupor um compromisso existencial com a partilha. Na ausência desse pressuposto não há sentido na prática diária.

A prática interdisciplinar constitui-se assim, não como ações isoladas do professor ou do aluno, mas como uma prática dialógica conjunta, que leva ambos a interagirem para além de suas limitações e de seus discursos:

— *A resposta é clara e está no próprio bilhete: pessoas devem se contentar com o trivial! – disse Lincoln que acrescentou – Isso quer dizer que o poder deve permanecer sempre nas mesmas mãos...*

— *Mas isso é coisa da Idade Média! – afirmou Maíra.*

— *Exatamente! Vejo que você prestou atenção em nossas aulas! Mas a questão não é só medieval, é algo que acontece em todo lugar e ainda hoje! Quantos governos, quantas ditaduras não escolhem, até hoje, o que seus cidadãos devem ler e conhecer? [...] (BRANDÃO, 2013, p. 250)*

Dessa forma, as várias disciplinas constituem um formato de conhecimentos que não deveriam ser abordados, isoladamente, em seus vários campos de conhecimento. Elas precisam interagir para constituir-se uma totalidade, a fim de apresentar o mesmo conhecimento em suas várias facetas e formas. Isso levará com que mais alunos ajam como a personagem Maíra ao estabelecer relações que, apenas na aparência, não se coadunam.

A interdisciplinaridade, neste caso, definir-se-ia como um processo de relação, reciprocidade e mutualidade, ou como um regime de copropriedade, de interação, que possibilitaria o diálogo, levando a “uma mudança de atitude perante o problema do conhecimento, da substituição de uma concepção fragmentária pela unitária do ser humano” (FAZENDA, 2007, p. 31), estabelecendo a intersubjetividade.

Quem está sendo interdisciplinar?

No romance em questão, Douglas e seus amigos estão sendo envolvidos por uma série de atividades no cotidiano que os fazem pesquisar e seguir por diversas fontes de conhecimento.

Nesse ínterim, tanto os professores como os educandos têm, na prática, uma perspectiva interdisciplinar, pois para qualquer pesquisador são necessárias diferentes interlocuções que se conectem às mais diversas fontes de saberes e aprendizagem.

Nesse sentido, trabalhar com uma visão ou uma ação interdisciplinar não é colocar em prática um método. A interdisciplinaridade não se constitui em um método ou uma corrente de pensamento.

Conhecer os paradigmas que orientam a interdisciplinaridade na realidade contemporânea é desenvolver um experimento a partir da seleção dos principais eixos pragmáticos. Experimento que se inicia a partir de estudos no seio das disciplinas. Esses eixos são pautados pelas questões filosóficas, sociológicas, antropológicas, como do campo do conhecimento científico em geral. Devemos compreender que, ao tratar-se de interdisciplinaridade, não estamos falando diretamente de correntes de pensamentos ou de regras filosóficas em geral. Não eliminamos, porém, qualquer forma de conhecimento, deixando claro que a interdisciplinaridade não está fundamentada como regra ou método que fundamente a sua prática.

É importante perceber também que, na atualidade, questões que envolvem diretamente a problemática humana estão de alguma forma interligadas com campos do conhecimento. Nesse caso, ao estudar o tema interdisciplinaridade nos autores aqui apontados, percebemos que estes dialogam diretamente com esses mesmos eixos do conhecimento. Concomitantemente, percebe-se também que, as questões ecológicas, políticas, éticas, e de finalidades estéticas, são de alguma forma expoentes para o complemento do trabalho com interdisciplinaridade.

Os aspectos literários tratados em **Douglas e o Livro de Luz** orientam-se de fato, por estas questões do conhecimento. Os professores, cada um ao seu modo, desenvolvem seu trabalho didático, tendo em mente uma visão disciplinar que, necessariamente, se completa com o auxílio do entrelaçamento de outros conhecimentos contidos quase sempre no campo desconhecido daquela especificidade.

O autor conseguiu relacionar ficção com realidade, já que o que ele descreve se confunde perfeitamente com o real. Neste caso, não há uma resposta única e concreta que defina quem é ou não detentor de uma ação interdisciplinar: professor e aluno complementam suas ações fazendo destas um ato interdisciplinar em que ambos se envolvem entrelaçando ideias que determinam a sua prática.

A recepção dos alunos é interdisciplinar?

Distribuído em 35 capítulos, a obra é digna de qualquer enredo literário que atende uma gama vasta de leitores, inclusive ao grupo infanto-juvenil. Brandão percorre uma forma de escrita literária, prendendo a atenção do leitor. Na tentativa de perceber qual é o real sentido da busca das personagens, enveredamos não só por lugares, como também pelas consciências

e descobre-se que, “na realidade, quando não se conhece alguma coisa ou alguém, simplesmente é mais fácil ter medo, mesmo sabendo que isso não passa de um lugar-comum” (BRANDÃO, 2013, p. 12). É justamente essa fórmula que o autor encontra para dar asas à imaginação: transformar o conhecimento comum em fatos puramente literários, tornando a realidade em pura ficção.

De uma sala de aula e da simples interferência do professor, o autor remete os alunos ao mundo dos questionamentos filosóficos sobre a origem do tempo, da vida, da morte; ou ainda, o desejo de viajar no tempo para mudar aquilo que não está conforme o que desejamos.

Um texto escrito de uma forma prazerosa, cujo discurso é puramente interdisciplinar já que apresenta um entrelaçar de conhecimentos nas várias fontes do saber disciplinares. Brandão (2013) realiza assim, a proeza conforme nos afirma Lenoir:

Ao lado da especialização e da classificação dos saberes, a efetivação do sistema de disciplinas científicas requer o uso de um processo comunicacional junto às estruturas disciplinares, assim como, por fora, com outras comunidades disciplinares e com o conjunto da sociedade. Esta exigência é tão forte que a estrutura descentralizada do sistema das disciplinas científicas fez desaparecer toda possibilidade, ao mesmo tempo de controle supra disciplinar e de substituição, [...], a religião por muito tempo, a filosofia em seguida (LENOIR, 2005).

A intencionalidade interdisciplinar não se expressa, necessariamente, no conhecimento especializado e tão pouco na classificação dos saberes, pois tais definições são características que legitimam a disciplinaridade. Já apontamos anteriormente, essa questão, a partir do pensamento de Fazenda (2011).

No trabalho interdisciplinar é importante desenvolver o pensamento de natureza filosófica, sociológica, antropológica, etc., para o entendimento da educação, assim “conceitos pouco explorados na educação tais como ética e estética, memória e temporalidade já fazem parte do universo do discurso e pesquisas da interdisciplinaridade”, conforme nos alerta Fazenda (2012, p. 7).

Nesse caso, de acordo com a mesma autora, “o processo interdisciplinar desempenha um papel decisivo no sentido de dar corpo ao sonho de fundar uma obra de educação à luz da sabedoria, da coragem e da humanidade” (FAZENDA, 2012, p. 8); sendo assim, é “possível planejar e imaginar, porém é impossível prever o que será produzido e em que quantidade ou intensidade” (*ibidem*, p. 8).

É possível que o professor possa dialogar com as principais ideias do conhecimento, realizando um trabalho voltado para a pesquisa, para a participação e para a partilha de experiências. Cada professor, em sua especialidade, vai enveredando por uma autoaprendizagem que outorga legitimidade em sua ação de educar, na resolução da complexidade de aprender

e ensinar na atualidade. Por isso sente, muitas vezes, a vontade de sempre ir além, conforme disse o professor Lincoln:

Acho que eu deveria ter estudado letras, não história, aí poderia ler Homero não com os olhos “tecnicistas” de historiador, ler Virgílio não com o ceticismo científico, mas com o olhar ufanista de quem vê, diante de si, toda a grandeza de seu povo, de sua cultura, de sua nação. Sim, Adão pode ter vivido mil anos, isso não faz diferença para quem acredita, mas faz muita para quem quer aprender. (BRANDÃO, 2013, p. 114)

Nessa perspectiva de busca:

faz-se necessário recorrer à interdisciplinaridade em função da exigência de um outro método de análise de nosso mundo, mas também em função de finalidades sociais, cada uma das disciplinas científicas não podendo sozinho responder adequadamente às problemáticas altamente complexas (LENOIR, 2005).

Um olhar sobre interdisciplinaridade

No início do século XXI, com a crise do pensar aflorada em todo o mundo e interferindo em todas as instâncias do planeta, o processo de desenvolvimento humano é comprometido.

Consequências drásticas afetam o embate do conhecimento científico e surgem novas formas de questionamentos para resolução emergente do pensar complexo. Esse embate se faz necessário, principalmente, pela negação ou crise expressiva que nos tem tolhido o direito de reflexão.

Nesse fenômeno de concentração em que os indivíduos são despossuídos do direito de pensar, cria-se um sobrepensamento que é um subpensamento, porque lhe faltam algumas das propriedades de reflexão e de consciência próprias do espírito, do cérebro humano (MORIN, 2013, p. 135).

Isso interfere diretamente no processo de ensino- aprendizagem.

Na obra literária analisada, o aluno Douglas busca o entendimento da realidade a partir do conhecimento. Podemos inferir que o autor realiza o perfeito desencadeamento dos temas a serem narrados no romance, apresentando algumas questões que, embora façam parte do senso comum na atualidade, são pertinentes ao ajuste do conhecimento científico.

Sem eles, o conhecimento humano não teria encontrado o seu apogeu nos dias de hoje. Esses temas nos levam a crer numa crise do conhecimento. Não em sua ausência, mas como avanços incompreensivos ou retrocesso de problemáticas que já deveriam ter sido solucionadas pela ciência.

Essa forma de pensar limitada ou progressista não deixa de ter em seu cerne a essência da busca da compreensão do mundo que se traduz em uma nova forma de ver a educação, sua importância e complexidade (MORIN, 2005).

Nessa busca pelo conhecimento, aprofundando seu sentido e sua importância, o mundo e o desencadeamento da realidade tomam uma dimensão ora distante, ora muito próxima. Isso gera o que podemos definir como pensamento complexo: interdisciplinar, transdisciplinar, multidisciplinar ou pluridisciplinar. Estas palavras podem ser definidas como simples modismo para o entendimento sobre o conhecimento ou as formas complexas do entendimento da trajetória e transformação do conhecimento científico na atualidade.

No cerne da questão está a “disciplina” como ciência compartimentada do conhecimento. Sua maneira de ser trabalhada em sala de aula tem sido definida como atrasada ou ultrapassada. Contudo não se pode negar, no estudo do conhecimento disciplinar, que o diálogo inter-, trans-, multi- e pluri-, pode ser, na realidade, a conjectura de legitimidade disciplinar.

Poderíamos nos perguntar qual a importância e o real papel ou finalidade da interdisciplinaridade no cotidiano da educação. Ela se faz necessária em se tratando de uma realidade brasileira em que a educação tem se apresentado como uma prática e forma de agir do professor em suas fórmulas ultrapassadas e quase sempre criticadas pelos estudiosos da educação?

Neste sentido, a tarefa de definir o que é ou não **interdisciplinar** pode seguir por duas fronteiras: uma que trata diretamente da relação entre conhecimento; outra mais abrangente e quase sempre difícil de ser compreendida de como tratar questões que vão além do discurso científico das disciplinas.

Cabe, nesse caso, abandonar as práticas de senso comum e enveredar por uma realidade mais abrangente levando em conta que os conceitos interdisciplinares se fundamentam em questões filosóficas, sociológicas, históricas, geográficas entre tantos outros conhecimentos científicos.

Como ilustração, poderíamos afirmar que, na contemporaneidade, com os avanços tecnológicos, as descobertas científicas e a resolução das diferentes buscas de respostas para todo e qualquer tipo de conhecimento, dificilmente falaríamos de um tema ou de determinado assunto sem relacionar os diversos campos do conhecimento.

Na busca do aprofundamento sobre o sentido real do que vem a ser a interdisciplinaridade, faz-se necessária uma tomada de posição sobre sua real finalidade e sentido a partir de uma ação consciente e inovadora entre professor e aluno. Não é só papel do professor, mas também do aluno ter em mente a socialização do conhecimento que, necessariamente, pode se apresentar também fora daquilo que é finalidade direta de cada disciplina.

Nesse sentido, quando acionamos as questões curriculares, entendemos que alguns aspectos da aprendizagem vão além daquilo que é planejado pelo professor, cabendo a este exercitar a sensibilidade em um processo maior de educação e reeducação de si e do outro.

Esse exercício é diário e constante, assim como a

interdisciplinaridade é uma exigência natural e interna das ciências, no sentido de uma melhor compreensão da realidade que elas nos fazem conhecer. Impõe-se tanto à formação do homem quanto às necessidades de ação (FAZENDA, 2003, p. 43)

Os estudos quanto à definição e intencionalidade tem demonstrado ser difícil definir a interdisciplinaridade. Os dicionários têm tratado o tema de forma simplista chegando a definir o conceito “interdisciplinar” com alusão ao estágio comum a duas ou mais disciplinas ou ramos do conhecimento. Ela pode também ser vista, como interação entre diferentes ramos do conhecimento ou a tendência em mesclar os conhecimentos de duas ou mais disciplinas (BORBA, 2011, p. 784).

A interdisciplinaridade pode ser percebida assim, em três abordagens conforme Lenoir (2005):

I. a instrumental que pode

resolver problemas sociais de diversas ordens, ela pode também reduzir a atividade intelectual a preocupações de viabilidade comercial e submeter à formação universitária – ensino e pesquisa – às exigências políticas ou econômicas (p. 11);

2. a abordagem epistemológica que

pode ajudar a compreender a complexidade, os fundamentos e os desafios das relações disciplinares; ela pode também favorecer uma acentuação da fragmentação disciplinar ou eliminar a perspectiva social (p. 17).

3. e a fenomenológica,

que pode favorecer enormemente a tomada de consciência pelo docente de suas funções profissionais, senão sociais, pode também induzir condutas humanas que negligenciam, entre outras, a relação com o saber (p. 17).

Assim, a interdisciplinaridade pode ser definida, historicamente, como algo contemporâneo por se constituir em “uma noção recente; pois a palavra foi forjada certamente há menos de cem anos e sua extensão ao domínio da educação é ainda mais recente”. (LENOIR, 2005, p. 4)

Pode-se dizer que essa visão não nos ajuda a compreender seu sentido e que isso se dá por sua própria indefinição que ainda vem sendo buscada por alguns estudiosos. É o caso de Fazenda, importante pesquisadora e estudiosa do tema ao apontar que “o pensar interdisciplinar parte da premissa de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma

exaustiva. Tenta, pois, o diálogo com outras fontes do saber, deixando-se irrigar por elas.” (FAZENDA, 2007, p. 15)

No tocante ao romance de Brandão (2013) encontramos estas fronteiras de ligação que surgem no início dos fatos narrativos sobre as imagens e que seguem na busca dos alunos Maíra, Luciano e Douglas. Estes estão envolvidos em pesquisas e na busca do entendimento sobre as teorias da criação (BRANDÃO, 2013, p. 64-73), cujo *start* foi dado pela professora de Biologia Xênia.

Os trabalhos de pesquisa desses alunos e a interferência dos professores em sala de aula demonstram que a interdisciplinaridade é efetiva de fato, portanto a interdisciplinaridade pode ser vista como fronteiras de proximidades e de instâncias. Significa que diferentes disciplinas sobrepõem-se em troca de conhecimento, complementando-se, quando uma não elimina a outra. O resultado é uma nova forma de percepção do conhecimento com diferentes noções, sem, entretanto, poder fazer outra coisa senão afirmar cada uma, seus próprios direitos e soberanias em relação de troca e cooperação. É por isso que, às vezes, temos a sensação de que ao trabalharmos um tema de sociologia, percebemos este como se fosse de filosofia, história ou outra área disciplinar.

Interdisciplinaridade e romance: encontro ou desencanto?

As ideias de Brandão (2013) nos proporcionam o encontro entre o romance e o sujeito interdisciplinar, pois quem faz essa integração do conhecimento é o ser humano envolvido na ação educativa e coerciva.

Quando falamos da interdisciplinaridade, necessariamente temos de abandonar uma teoria **romântica** sobre o que vem a ser o cotidiano de uma sala de aula, com toda sua estrutura organizacional, o processo interventivo do professor e todo mundo individualista do aluno.

O professor não lida com uma, mas com várias visões de mundo, pois cada aluno é único, capaz de se permitir em sua resiliência como protagonista do comando de sua formação. Procede-se, desse modo, a uma reafirmação das percepções, com um nível ideológico presente nas ações professor-aluno já que “numa sala de aula interdisciplinar, todos se percebem e se tornam parceiros” na convivência e na “produção de um conhecimento para uma escola melhor, produtora de homens mais felizes” (FAZENDA, 2007, p. 83).

Mas, a pesar do desencanto que tem se desencadeado na prática do professor,

Numa sala de aula interdisciplinar, a obrigação é alternada pela satisfação, arrogância pela humildade, a solidão pela cooperação, a especialização pela generalidade, o grupo homogêneo pelo heterogêneo, a reprodução pelo questionamento do conhecimento (FAZENDA, 2007, p. 83).

Em síntese, numa sala de aula interdisciplinar há ritual de encontro – no início, no meio, no fim (FAZENDA, 2007, p. 83). Esse encontro pode ser tanto pelo conhecimento como também nas relações pessoais que são realizadas no encontro professor-aluno, aluno-aluno e todos os profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Inserido dentro desse contexto, a proposta do romance de Brandão (2013) realiza um processo de concatenação, levando-nos a crer que a proposta pedagógica se reflete na realidade da sala de aula.

Considerações finais

Conclui-se, portanto que o romance **Douglas e o Livro de Luz**, além de proporcionar fruição estética, pode servir de *start* para que o profissional da educação possa reconhecer o papel fundamental de seu ato: o de transformar seus alunos em amantes do conhecimento, à semelhança de Douglas e de seus amigos.

No entanto, para que isso ocorra de modo efetivo, é necessário que o docente possa se abrir para além de sua especialização, a fim de levar o corpo discente a enxergar que o conhecimento, apesar das especializações, também possui vias comunicantes entre si e o mesmo.

Se isso não estivesse claro no mundo narrativo proporcionado por Jack Brandão em seu romance, não seria possível ao protagonista desvendar o mistério que o **Livro de Luz** havia lhe proposto, ou seja, as imagens oferecidas não poderiam nunca serem lidas apenas com o olhos da anacronia: nunca fariam sentido! Para que essa leitura fosse efetiva, seria necessário, como o foi, adentrar na diacronia, pois assim foi possível enxergar o que as imagens revelavam em suas diversas camadas interdisciplinares.

Aquele que se abrir para isso terá em suas mãos a chave do conhecimento humano que apenas o Livro de Luz, como metáfora de todo conhecimento humano, é capaz de proporcionar; mas, para isso precisamos sair do nosso campo de conforto e partir para novas experiências, socializando nosso trabalho docente tanto com nossos colegas de trabalho, quanto com nossos alunos, razão de ser do magistério.

Assim, a tentativa de levar os alunos a alçar voos por mundos diferentes, a partir dos temas estudados, deixa-nos a certeza de que não podemos apenas nos fechar nos compartimentos de nossas especialidades.

Referências Bibliográficas

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. *Téoria da Literatura*. Coimbra: Almedina, 2011.

BRANDÃO, Antônio Jackson S. “Da pintura à fotografia: o encetamento iconofotológico”.
In *Lumen et Virtus*, 2010.

BRANDÃO, Jack. *Douglas e o Livro de Luz*. Embu-Guaçu: Lumen et Virtus, 2013.

BORBA, Francisco S. *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011.

FAZENDA, I. C. A. *Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa*. 9ª ed. Campinas: Papyrus, 2002.

_____. *Interdisciplinaridade: qual o sentido?* São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *Interdisciplinaridade. Um projeto em parceria*. São Paulo, Edições Loyola. 6ª edição, 2007.

_____. *Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: efetividade ou ideologia*. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

_____. *Didática e Interdisciplinaridade*. 17ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

ISER, Wolfgang. *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 2. São Paulo: Ed. 34, 1999.

JANTSCH, Ari Paulo, **BIANCHETTI**, Lucídio (Org.). *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, Carl G. et alii. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LENOIR, Y. *Três interpretações da perspectiva interdisciplinar em educação em função de três tradições culturais distintas*. Revista E-Curriculum, PUCSP, São Paulo, v. 1, n. 1, 2005.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2013.

